



FEIRA DA SERESTA: VIVENCIANDO O SEU COTIDIANO

Yoná Pereira Rodrigues dos Santos (PIBIC/CNPq-FA-UEM), Elisa Yoshie Ichikawa (Orientadora), e-mail: eyichikawa@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Sociais e Aplicadas/Maringá, PR.

Área e subárea: Administração de Setores Específicos 6.02.03.00-5

Palavras-chave: Cotidiano, etnografia, estratégias e táticas

Resumo: Este projeto é uma continuação do PIBIC anterior, denominado “O feirante em seu cotidiano: estratégias e táticas na feira da Lua em Londrina-PR”. Inicialmente, pontuo esta informação, pois estará presente neste estudo questões já abordadas no projeto anterior, uma vez que trata-se do mesmo tema, ou seja, o cotidiano em feiras. Após essa explanação, destaco que, dentre tantas feiras, a escolhida para este estudo foi a Feira da Seresta, que engloba o universo do artesanato. No decorrer da pesquisa, no entanto, houve a possibilidade de participar de mais 3 feiras, podendo realizar o acompanhamento dos artesãos e suas atividades, com o objetivo de compreender como ocorrem os processos cotidianos presentes nas feiras de artesanato, em Maringá – PR. Esse estudo qualifica-se pelo caráter qualitativo e descritivo, em que ocorreu a interpretação das ações cotidianas, por meio de pressupostos da etnografia, como entrevistas e técnicas de observação participante, com a imersão no ambiente proposto e a utilização de cadernos de campo. Ao vivenciar de maneira mais próxima, pude constatar como ocorre a dinâmica das relações envolvendo artesãos, comunidade, colegas de trabalho e instituições privadas e públicas, e que a partir de cada vínculo estabelecido as táticas e estratégias apresentam-se estruturadas e notáveis.

Introdução

Pesquisando sobre os princípios da feira livre, encontrei que ela originou-se na Europa, durante a Idade Média e influenciou no desenvolvimento das cidades e nas questões comerciais que se estabeleciam no período. A Revolução Comercial do século XI, oportunizou que a feira rompesse no ambiente, de modo a proporcionar o surgimento de um espaço no qual fosse permitido a disponibilização e a troca de produtos diversos (NAGEL *et al.*, 2010).



A feira popularizou-se, tornando-se marca registrada de pequenas, médias e grandes cidades, contemplando diversos cenários com a sua presença, fortalecendo o seu caráter popular, coletivo, tradicional e relevante. Caracteriza-se por ser um local de comercialização, pois movimentam as cidades, entretanto, não se limita apenas a um espaço de trocas comerciais, pois concedem possibilidades de desfrutar de lazer e cultura (AGAPIO, s.d.).

Assim, este estudo busca entender um tipo especial de feira, as feiras de artesanato, e seu objetivo geral é compreender como ocorrem os processos cotidianos presentes nessas feiras.

Materiais e Métodos

Inicialmente, eu havia selecionado como objeto de pesquisa para este estudo, a Feira da Seresta. No entanto, já em campo, descobri mais 3 feiras em que as feirantes com quem trabalharia têm presença na cidade de Maringá - PR: a Feira de Agroecologia e Artesanato da UEM, a Feira da Canção e a Feira da Festa de Santo Antônio, e fiz a opção de pesquisar todas elas.

A coleta de dados ocorreu no período de março a junho de 2015, nessas feiras. Nesse período, fiz entrevistas e também observação participante, trabalhando nas feiras para apreender as estratégias e táticas dos feirantes e o seu cotidiano. Fiz anotações no caderno de campo e por fim, busquei interpretar o que descobri no campo.

Revisão da Literatura

A minha introdução ao campo do conhecimento a respeito do cotidiano deu-se através do meu primeiro contato com Michel de Certeau, autor responsável por nortear este projeto. A partir do momento em que adentrei na leitura de seus escritos, fui compreendendo as abordagens realizadas por ele, visto que os conceitos de estratégias e táticas adquirem relevância para a compreensão de como o “homem ordinário”, a partir do seu dia a dia, consegue resistir ou mesmo burlar aos padrões estipulados pela estrutura maior.

O cotidiano para Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 31) é “aquilo que nos é dado a cada dia (...) nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente (...) é uma história a caminho de nós mesmos, quase retirada, às vezes velada”. É nesse cotidiano que o homem está disposto a



estabelecer suas próprias formas de atuar perante a si e aos acontecimentos que o cercam.

Para conhecer esse homem, busquei compreender uma outra ciência, que é a Antropologia, a qual baseia-se na ciência que estuda o homem e sua cultura, sendo ele de todos os tempos e tipos (CAVEDON, 2008, p.21). A Antropologia fundamenta-se no ato de compreender este homem, sendo que nas mais distintas sociedades existentes, já houve pessoas que praticavam o ato de observar aquelas que encontravam-se ao redor ou em grupos mais afastados, e seu método primordial de pesquisa é a etnografia.

Desta forma, este estudo tem suas bases na etnografia. O intuito básico de conhecer os aspectos humanos, das mais diversas formas, torna a etnografia algo mais do que uma simples metodologia de pesquisa ou um método de coleta de dados (ROCHA; BARROS; PEREIRA, 2005, p. 123). No entanto, em virtude do pouco tempo que passei imersa em campo, ele pode ser mais encarado como um “suspiro etnográfico” (CAVEDON, 2008) do que uma etnografia em sentido estrito, mas é uma primeira aproximação dela.

Resultados e Discussão

Por intermédio do acesso e da participação que tive nas feiras citadas, ao lado de duas artesãs, verifiquei a forma atuante da líder da associação de artesanato, em prol de que seus associados estejam presentes nos principais eventos do município e região, a sua representatividade junto a órgãos públicos e privados garante a ela e aos demais bons espaços, propiciando maior visibilidade e retorno de vendas.

Esta habilidade de relacionar-se, de estabelecer comprometimento e de fazer bons contatos, principalmente com os órgãos públicos, sendo estes os responsáveis por liberar a participação em eventos, retira-os de qualquer desvantagem, sendo que assim estabelece-se a estratégia e fortalecimento do poder perante outras associações de artesanato.

A outra artesã que acompanhei, possui uma cordialidade nata, porém muita franqueza ao ser questionada sobre a oferta de possíveis descontos em cima de seus produtos, sendo que ao explicar todo o processo, desde a etapa de criação até a finalização do mesmo, consegue cativar seus clientes, vendendo outros produtos e destacando-se dos demais colegas. É algo tão natural e espontâneo que podemos entender como sendo sua tática do dia a dia.



Conclusões

Com este trabalho constatei a organização presente na associação de artesanato como um todo, mas também no trabalho individual de cada artesão. Suas ações são moldadas de acordo com cada ambiente, com cada público que é atraído pelos trabalhos realizados. Por mais opressor que o cotidiano possa aparentar, estas pessoas possuem habilidades que geram ganhos, em vários sentidos, não somente no monetário. Há prazer em estar participando dos eventos, de fazer parte da comunidade, de estabelecer uma socialização salutar com o ambiente que os rodeia. O cotidiano propicia dinamismo, criatividade, interatividade e o surgimento de táticas e estratégias, presentes nas práticas diárias

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro recebido durante a vigência desta pesquisa e a minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Elisa Yoshie Ichikawa, pelo tempo dispensado ao meu desenvolvimento como discente.

Referências

AGAPIO, Roberto. **Feira Livre**. Disponível em: <<http://www.robertoagapio.fot.br/portfolio06.htm>>. Acesso em: 20 mar.2013

CAVEDON, N. R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

NAGEL, Bernard; GONÇALVES, Daniel, RANGEL, Pedro; PEÇANHA, Thiago. **Os Bastidores de uma feira livre**. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/13%20-%20os%20bastidores%20de%20uma%20feira%20livre.pdf>>. Jan./Jun. 2007. Acesso em: 19 mar.2013

ROCHA, E.; BARROS, C.; PEREIRA, C. Fronteiras e limites: espaços contemporâneos da pesquisa etnográfica. In: LENGLER, J. F. B.; CAVEDON, N. R. (Org.). **Pós-modernidade e etnografia nas organizações**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.